



**VOCÁBULOS PORTUGUESES
QUINHENTISTAS REMANESCENTES NA
FALA POPULAR BRASILEIRA**

*REMAINING PORTUGUESE VOCABULARY FROM THE
1500'S IN THE BRAZILIAN POPULAR SPEECH*

Rosa Assis

Universidade da Amazônia (Unama)

RESUMO

Levantamento e análise de vocábulos portugueses quinhentistas remanescentes, presentes mesmo ainda hoje na fala popular brasileira. O corpus primeiro para este estudo foi colhido da écloga Ribeiro e Agrestes, de Bernardim Ribeiro (1554), por ser este autor um representante típico da linguagem dos quinhentos. Para abonar nossas análises, recorreremos à visão dos gramáticos primeiros de nossa língua: Fernão d' Oliveira (1536), João de Barros (1540) e Duarte Nunes do Lião (1576). Ao lado dos exemplos extraídos da écloga, ainda acrescentamos ocorrências de lexias que registram a fala simples, popular, descontraída e até mesmo familiar do homem simples, colhidas em pesquisa de campo, cujo público-alvo foram empregadas domésticas analfabetas em semi-analfabetas, este foi o nosso segundo corpus.

Palavras-chave: Vocábulos quinhentistas. Gramáticos. Popular.

ABSTRACT

Search and analysis of remaining Portuguese vocabulary from the 1500's, currently present in the Brazilian popular speech. The first corpus for this study was taken from the eclogue Ribeiro e Agrestes, by Bernardim Ribeiro (1554), for that author is a genuine representative of speech from the 1500's. To ground our analysis, we turn to the view of the first grammarians of our language: Fernão d' Oliveira (1536), João de Barros (1540) and Duarte Nunes do Lião (1576). Together with the examples taken from the eclogue, we also added occurrences from the lexis which report to the simple speech, popular, carefree, and even familiar, from the simple man, collected in a field research, whose target audience were illiterate or semi-illiterate maids, which composed our second corpus.

Keywords: 1500's vocabulary, grammarians, popular.

Aos meus 'Bem'

Bernardo

Eduardo

Moisés

pera / para

[‘perΛ] / [‘parΛ],

fantesia / fantasia

[fãte‘ziΛ] / [fã‘taziΛ].

Considerações iniciais

Ao ler-se a obra de Bernardim Ribeiro, mesmo sem a preocupação nem a pretensão de uma análise acurada de sua linguagem, salta-nos aos olhos uma série de características que o tornam Ribeiro um modelo ímpar nas literaturas europeias e uma figura singular na língua portuguesa.

Assim é que, não obstante haver-se tornado comum no século do poeta a preferência e até mesmo o gosto pelo bilinguismo (português/espanhol), Bernardim, ao contrário de seus contemporâneos, manteve-se fiel ao uso exclusivo de sua língua materna como meio de expressão literária.

Por outro lado, diz-nos Serafim da Silva Neto¹ “[...] o que no suave bucolista logo chama a atenção é a sua dupla e desconcertante característica de *modernidade* e *arcaicidade* [...]”. Este misto de modernidade e arcaicidade é entre outros traços uma marca na obra bernardiniana, como veremos mais adiante.

Com efeito, o poeta enquadra-se inteiramente numa fase de transição entre o arcaico e o moderno, e isso se reflete em suas composições. É comum, pode-se dizer, a cada passo de suas obras, ou mais, de suas páginas, defrontamo-nos com vocábulos que ora se prendem à fase arcaica da língua, ora à fase moderna, coexistência, aliás, normal e comum no século XVI.

Esse caráter dicotômico de sua linguagem registraremos adiante com versos da égloga *Ribeiro e Agrestes* (edição Ferrara, 1554), que bem documenta esse período transitivo da nossa língua, uma vez que em seus versos são muito frequentes lexias presas à fase arcaica, paralelamente a outras, variantes, que o são à fase moderna, a exemplo de:

leixar / deixar

[ley‘[ah]/[dey’[ah],

O vocabulário bernardianiano, na égloga em apreço, apesar de não ser rico em variedade de palavras, o é em expressividade, sonoridade, ritmicidade, recursos extraídos de uma linguagem tipicamente cotidiana, mas sem deixar de ser uma linguagem padrão, culta, ao lado de formas toscas, deformes, vulgares, formas ingenuamente simples, ou até diríamos, formas simplórias gramaticalmente, mas vivas e ativas no falar de antanho, em Portugal, como ainda hoje na fala comum do povo brasileiro, tais como:

enxemplos

[ẽ‘zẽplU],

grória

[‘grɔryΛ],

crara

[‘krarΛ] e outras assim.²

Esses e outros “inzeplios”, se não ocorrem generalizadamente em todo o território nacional, todavia são numerosos e marcantes entre a população iletrada em quase todas as regiões do Brasil, principalmente nos municípios interioranos do Norte e do Nordeste, embora também ocorram em menor escala nos subúrbios e periferias das capitais, inclusive de outros estados.

É o que se pode comprovar facilmente, compulsando os glossários e comentários dos nossos léxicos regionais já levantados e publicados, alguns dos quais, a simples título exemplificativo, incluímos ao final na bibliografia consultada.

De modo que, em matéria de formas arcaicas ou arcaizadas remanescentes, pode-se dizer que muitos traços do português quinhentista, tal qual aparecem na escrita bernardiniana, sobrevivem e

¹ SILVA NETO. Serafim da. História da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970, p. 498.

² Para representar a pronúncia nasal em **e**, **i** e **u**, usou-se o específico de nasalidade sobre estes grafemas. Assim, registrou-se desta forma: [ẽ], [ĩ] e [ũ].

coexistem amplamente no que se pode chamar, em termos genéricos, a *fala popular brasileira*; assim como se diz, genericamente, *música popular brasileira*, sabendo-se, embora, que são muitos e variados os gêneros, ritmos, batuques e sotaques musicais por esses múltiplos e sonoros brasis afora.

Aliás, cabe aqui lembrar, de passagem, que a nossa tão cantada MPB é em si mesma, com suas letras e interpretações vazadas no falar bem coloquial e cotidiano das nossas cidades, sítios e sertões, constitui um documento incontestado e eloquente das características, inclusive arcaizantes, de nossas diferentes, porém integradas elocuições e entonações de fala popular, em especial nas cantigas, modinhas e toadas autenticamente sertanejas ou folclóricas.

Feita essa constatação de caráter geral, pode-se efetivamente dizer que aquelas formas gráficas que estão registradas, documentadas nos versos bernardinianos e mesmo abonadas pelos gramáticos quinhentistas, Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540) e Duarte Nunes de Lião (1576), até hoje remanescem, de modo generalizado, na fala popular brasileira, graças à forte influência do colono e, posteriormente, do imigrante português nas diversas regiões do Brasil.

Com efeito, é interessante voltar aos textos do século XVI, ler uma série de palavras escritas numa obra literária, em especial a de um escritor do porte de Bernardim Ribeiro, e, no dia-a-dia de quase cinco séculos depois, ouvir aquelas mesmas palavras ditas e repetidas de igual forma pelo nosso povo, palavras tão naturais ontem, como o são hoje.

É a perduração da linguagem quinhentista, forte e atuante, presente e constante, na linguagem vintista do brasileiro comum, não por haver lido os textos antigos, mas sim apenas escutado e repetido a partir do registro falado de nossos antepassados lusos, os mais remotos e os mais recentes.

Por conseguinte, a linguagem do homem simples do presente reflete a linguagem do homem culto do passado. Esses distintos níveis de linguagem, distanciados por tantos séculos, encontram-se, no entanto juntos através do tempo, unidos pela mesma língua, ainda que em continentes diferentes.

Para ilustrar, em linhas gerais, essas ocorrências, ou sobrevivências lexicais, extraímos a seguir alguns versos da égloga Ribeiro e Agrestes, e, paralelamente, registramos exemplos colhidos da boca do povo, tal como ele realmente fala. Sempre que possível, abonamos nossos comentários com o posicionamento dos gramáticos quinhentistas já citados.

Leitura dos dados

Flutuações grafemáticas – em especial a conhecida troca do [l] pelo [r] (rotacismo)

Parece-nos ser, como admite Duarte Nunes de Lião, uma variação de caráter puramente optativo, pois a comutação dessas letras em diversas lexias empregadas por Bernardim Ribeiro, não terá implicado nem mesmo conduzido a mudanças de significado, nem contribuiu para ajustar métricas ou rimas. Essa oscilação é também uma tônica na fala do nosso ‘caboco’.

A diferença é que enquanto Bernardim jogava com as duas formas (**claro** [‘klarU] e **crara** [‘krarΛ]) o falante comum usa apenas e somente uma, pois não se dá conta de que existe uma forma paralela, o padrão popular é outro.

O que era comportamento linguístico-literário comum à época do escritor português é simples emprego ou registro espontâneo hoje na fala popular brasileira, pois o povo não sabe outra forma de dizer.

Para melhor documentar esta informação, quando Carlota Carvalho, em seu *Glossário das poesias de Sá de Miranda*, registra o verbete que documenta a alternância ‘claro’/‘clara’, o conclui ressaltando que a expressão “águas craras” é muito frequente nos autores renascentistas.³

Ora, se se trata de fato comum, por que não estendermos tal flutuação [l] / [r] às demais palavras, digamos, desse mesmo tipo, como **groria**, **nubrado** etc? Vejamos como tais formas aparecem na poesia bernardiniana, respeitando-se sempre a grafia da época:

Honde vam as **craras** agouas (v. 42)
[‘krarΛ]

³ CARVALHO, Carlota Almeida de. *Glossário das poesias de Sá de Miranda*. Lisboa, Centro de Estudos filológicos, 1953, p. 84.

Tudo bem craro se vee (v. 243)
[ˈkrarU]

Sentia elle por **goria** (v. 46)
[ˈgrɔryʌ]

- Pois no ceo há jaa **nubrados** (v. 665)

[nuˈbradU]

Para o gramático quinhentista Duarte Nunes de Lião, esta é a explicação para o registro dessas oscilações, ou variações:

Mas outros ha, em que podemos concorrer com os Castelhanos, sem offensa das orelhas, screvendo com.l. ou com.r. se quisermos, como: simplez ou simplez, craro, ou claro, obligar ou obrigar, clamar ou cramar, & muitos, que por breuidade deixo...⁴.

O largo emprego da metátese ou interversão (dois fonemas contíguos colocados numa ordem mais cômoda, segundo Grammont)

Esta comutação frequente no século XVI é uma constante na fala do vulgo no Brasil, especialmente na região Norte.

Parece-nos ser a marca de uma forte influência da colônia portuguesa nesta região, sobretudo no Estado do Pará, no interior e na capital, marca particularmente característica na fala do ‘caboco’ paraense.

Sem dúvida porque Belém do Pará, no período pós-colonial, foi como que eleita entre as cidades brasileiras para segundo lar dos nossos irmãos imigrantes portugueses, que nela se fixaram maciçamente e de forma tão duradoura. Assim, tanto ontem, nos versos de Bernardim (início do século XVI), quanto hoje (início do século XXI), no linguajar dos brasileiros, deparamos com tais oscilações na fala livre e espontânea do povo:

Vem tromento e vai tromento (v.91)
[trÉˈmêtU]

Detreminarom os fados (v. 302)
[detremĩˈnarŨ]

Em nada me detreminando (v. 368)
[detremĩˈnãdU]

Pregunta tudu 1++⁵
[preˈgũtʌ ˈtudU]

Esse fenômeno, em sua forma de transposição, é muito frequente também na pronúncia ‘caboca’ de nomes próprios, como Jáder/ Jarde. Recentemente, em entrevistas feitas por populares no Ver-o- Peso, em Belém, uma das entrevistadas disse, pelo menos umas seis vezes, que comprava ‘vrido’ de erva cheirosa para se perfumar. Essa forma metastásica remonta a era dos quinhentos, mas está viva na fala descontraída do nosso homem simples.

A redução do ditongo

Fato que se opera quando o ditongo é formado pela vogal anterior [e] e semivogal [y], sofrendo, portanto a redução para [e] no ato da fala, articulada nitidamente, ou desarticulada:

O ceo nem **pexe** o mar (v. 227).
[ˈpeʃI]

O má num tá pra pexe ++.
[ˈU ˈma ˈnũ ˈta ˈpa ˈpeʃI]

A coexistência de formas

Em Bernardim Ribeiro, a palavra “inimigo” aparece com duas grafias distintas (**ymiguo** [ĩˈmigU] e **enemiguo** [ẽnẽˈmigU]), ocorrência comum na linguagem escrita dos quinhentos. E também não é raro encontrar-se hoje uma dessas formas no falar do brasileiro iletrado, mesmo sofrendo este, hoje em dia, o bombardeio dos meios de comunicação, em especial a televisão, que penetra “parabolicamente” nos mais longínquos lugares do Brasil, inclusive na vasta região amazônica.

É como se o tempo, com relação a essas palavras, tivesse estacionado completamente nesses

⁴ LIÃO, Duarte Nunes de. Orthographia da lingua portuguesa. In: Origem da orthogahia da lingua portuguesa. Lisboa, Panorama, 1864, p. 116.

⁵ Os exemplos assinalados com duas cruces ++ foram colhidos de falantes analfabetos e semianalfabetos, em geral empregados domésticos, das áreas periféricas de Belém do Pará.

espaços, pois tais formas ficaram tão arraigadas e internalizadas na gramática desses falantes, que se tornou quase impossível não dizê-las desse modo.

Não resta a menor dúvida, portanto, de que a presença de traços arcaizantes, quer do ponto de vista lexical, quer do ponto de vista fonético, é marcante ainda hoje na expressão oral do nosso homem do povo.

Nem teu **enemiguo**. (v. 636)
[ɛ̃nɛ'miguU]

Si livri dum enemigo, pra tê sempre um amigo ++

['si 'livrɪ dũɛ̃nɛ'migu 'pra 'te 'sɛprɪ 'ũ
ã'miguU]

O uso frequente da aférese (desaparecimento de um fonema no início da palavra) é sempre tão natural e espontâneo como o fora no século XVI e, particularmente, na égloga em referência:

Os versos todos fastados (v. 397).

[fa]'tadu]

As aguas nam costumado (v.321).

[ku]tũ'madu]

Num tô costumado com esse come ++

['nũ 'to ku]tũ'madu 'kũ 'esɪ kũ'me]

A epêntese (aparecimento de um fonema no interior da palavra)

Condicionada ou não pelo ambiente linguístico, é forma regular em *Ribeiro e Agrestes*, como o é na fala do homem do povo, no Brasil. Há casos em que a explicação para o uso da epêntese é quase impossível, como oportunamente lembrou Antenor Nascentes ao se referir à palavra *bonecra*⁶, realização linguística tão próxima à do presente, na fala popular.

Que **despois** vam dar o mar: (v. 474).

[de]'poy]

Vem despôs aqui ++

[vɛy de]'poy] a'ki]

tá faltano *asftraltru* na rua ++

['ta faw'tãnu a]'f rawtu 'na 'Ruɔ]

A síncope (desaparecimento de um fonema no meio da palavra)

É a marca registrada da fala popular nas mais distintas situações, como se verifica em **parapeto** [para'petU], **prefeto** [pre'fetU]. É o caso também de **esprementar** [e]preme'tah], tal como exatamente se lê em Bernardim:

Em mim quis **esprementar** (v. 399)

[e]preme'tah]

A presença da nasalidade em formas orais é outra tônica daquela fase. É claro que para isso deve ter concorrido o traço nasal já ocorrente na palavra. Particularmente na lexia “exemplo”, dizia já Antenor Nascentes, em *O linguajar carioca*, que por parte do vulgo “a repugnância pelo *e* inicial isolado já é antiga.”⁷

O **enxemplo** dos passados (v. 400)

[ɛ̃'zɛplu]

Sempre dô bons enxempru pa elis ++

['sɛprɪ 'do 'bõy] ɛ̃'zɛpru 'pa 'eɪɪ]

Com relação ao estudo específico da realização fonética das vogais, quer em posição átona ou tônica, este trabalho se limita a apenas registrar as variações devidamente abonadas. O uso de oscilações do tipo:

[o] por [u]

Com **sospiros** verdadeiros (v. 99)

[so]'piru]

Que **sospiro** por Mondenguo (v.354)

[so]'piru]

⁶ NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, Simões, 1953. p 62.

⁷ Idem, p. 32.

Me soyo jaa **sostentar** (v. 456)

[su]tē'tah]

Vô derrobá as manga ++

['vo deRo'ba ʌ]māgʌ]

[u] por [o]

As aguas nam **custumado** (v.321)

[ku]tū'madU]

Nem me posso **acustumar** (v.322)

[aku]tū'mah]

Nu armuçu cumu bem ++

['nU ah'musU 'kūmU 'bēy]

c) [e] por [i]

E sei quanto **senteria** (v. 603)

[sēte'riʌ]

vi em paz ++

['eʌ 'nū 'vevI 'ē 'pay]

Ela num ve

Por que aguora he que as **sentio** (v. 285)

['sētU]

Por que nam queres que **senta** (v.605)

['sētʌ]

Seus males assi **dezia** (v. 55)

[de'ziʌ]

Dezia a merma cosa ++

[dʒi'ziʌ ʌ'mehmʌ 'kozʌ]

A quem te he tam **deferente** (v.599)

[defe'rēte]

São dos ermão deferente ++

['sāw 'doy] eh'māw] defe'rēte][i] por [e]

Nam te ver fora melhor: (v. 215)

[mi'ʌʔh]

No caso específico do vocábulo **milhor**, este já se tornou *voz corrente* em quase todo o território nacional, independentemente de classe social, econômica ou cultural; basta lembrar a expressão:

É da milhor espéci. ++

['e 'da mi'ʌʔh i]'pesI]

A explicação desta ocorrência, para o autor quinhentista Fernão d'Oliveira, está simplesmente na vizinhança das letras, ou dos fonemas; em outras palavras, na íntima relação que existe entre esses vocábulos, a ponto de uma forma interferir na realização fonética da outra. Vejamos as palavras do mestre das gramáticas do século XVI:

...agora vejamos da nicação que alghüas (letras) tem ou dalghüa partiçipação q todas antre si: das vogaes antre. u. e.o. pequeno há tanta vizinhança q quasi nos confundimos dizendo hüs somir e outros sumir: e dormir ou durmir e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto antre. e. e.i. pequeno como memoria ou memorea, gloria ou glorea.⁸

Vistos todos esses aspectos linguísticos, é curioso notar que os gramáticos e ortógrafos, apesar de tentarem sistematizar a língua com orientações de caráter normativo, vez por outra, caem em flagrantes contradições, o que demonstra em princípio certa insegurança quanto ao aspecto estrutural da língua, fato que deve ter sido condicionado e impulsionado também pela própria época em que surgiram as gramáticas e as ortografias. É pertinente a afirmação de Leonor Carvalhão Buescu quando lembra que:

É então na primeira metade do século XVI que eclode a “questão da língua coincidir com a época em que eclode a “questão da língua”, resultado de uma incerteza sobre a norma lingüística e da carência de padrões literários que garantissem o seu prestígio.⁹

⁸ OLIVEIRA, Fernão d'. Grammatica de linguagem portuguesa. Porto, Imprensa Portuguesa, 1871, p. 41.

⁹ Buescu Maria Leonor Carvalhão. Gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira. 1975, p. 13.

Considerações finais

Como dissemos ao início, costuma-se caracterizar a linguagem de Bernardim Ribeiro como sendo uma fusão de modernidade e arcaicidade. Os traços arcaicos registrados na égloga *Ribeiro e Agrestes* estão vivos e em vigor, ainda hoje, na fala popular brasileira, de forma correta, corrente, até mesmo de forma padrão no falar do homem não escolarizado ou com baixo grau de escolaridade, em quase todo o nosso país.

E, por certo, os imigrantes portugueses desde muito radicados no Brasil, na Amazônia, particularmente em Belém do Pará, são em grande parte os responsáveis pela sobrevivência até hoje desse legado linguístico do século XVI, cristalizando-se nos fenômenos fonéticos aqui exemplificados.

Fenômenos tão enraizados quão arcaizantes, que dão em especial ao falar típico e pitoresco do caboclo amazônico, e, mormente, do *caboco* paraense, um toque de primitivo, um quê de quinhentismo, ou um não sei quê que ressoa do tempo, que vem de longe, dos velhos modos e dos rudes tempos do Descobrimento.

Sabemos que a partir do final do século XIX, sobretudo após a abolição da escravatura, a emigração para o Brasil foi intensa e muitos povos chegaram aos nossos portos, com os italianos, os alemães, os espanhóis, os japoneses, e outros em menor escala. Entretanto, são os portugueses e os italianos os que maiores marcas deixaram, ou melhor, os que mais amplamente se estabeleceram em nosso país.

Sendo nativa e habitante do norte do Brasil, região que melhor conhecemos, ressaltamos que a cidade de Belém do Pará, depois da época colonial, tornou-se um dos maiores pólos de concentração de imigrantes portugueses no Brasil, ficando aquém talvez somente do Rio de Janeiro, onde a agora chamada colônia portuguesa também se tornou predominante.

Em Belém, como no Rio, esses imigrantes se instalaram a bem dizer em cada canto, a cada esquina, com estabelecimentos comerciais varia-

dos; ainda mais, muitos deles tiveram de trabalhar nos serviços braçais, no meio do povo, durante décadas, e, por certo, imprimiram aqui suas marcas fonéticas, que influenciaram no registro falado da população não escolarizada ou com baixo grau de escolaridade.

Sabidamente, a ação dos portugueses na região Norte, e aqui me refiro novamente e em especial ao Estado do Pará, foi sempre muito forte. Apenas a título de ilustração, lembro que inúmeros municípios do interior paraense têm nomes de localidades portuguesas, como Altamira, Bragança, Faro, Melgaço, Porto de Mós, Santarém, Soure e tantos outros.

E não vamos muito longe, na própria cidade de Belém (também tão portuguesa, com certeza), há todo um bairro – o bairro da Cidade Velha –, cheio de casarios portugueses, alguns ainda com os seus antigos e famosos azulejos, e cujas ruas, à exceção de poucas, também são tradicionalmente denominadas (e na boca do povo nenhuma mudou de nome) com topônimos bem conhecidos, transplantados de Portugal, tais quais: Alenquer, Bragança, Breves, Cintra, Monte Alegre, Óbidos, Santarém.

Embora se desconheça concretamente qual a procedência dos primeiros colonos portugueses chegados ao Pará no início do século XVII – a fundação de Belém deu-se em 1616 –, é possível que açorianos e algarvios hajam sido os primeiros portugueses a pisar o solo da Amazônia.

E todos sabemos, como um fato geral, que foi do estreito contacto mantido entre os portugueses, os índios e os negros que se formou a cultura brasileira, do Norte ao Sul do país. Extremos, aliás, que neste ponto específico se tocam perfeitamente, pois no Rio Grande do Sul também aportaram e influenciaram os açorianos, como no Pará e no hoje Amapá, da Nova Mazagão povoada no século XVIII por soldados portugueses vindos de homônima cidade da África.

E, comparativamente à cultura do indígena americano ou à do negro africano, o peso geral da presença cultural lusitana no Brasil foi muito mais preponderante.

Referências

- ASSIS, Rosa. *O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir*. Belém: UFPA, 1992.
- BAGNO, Marcos (Org). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAGNO, Magno. *A língua de Eulália: novela socio-lingüística*. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARVALHO, Carlota Almeida de. *Glossário das poesias de Sá de Miranda*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953.
- BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa*. Olyssipone, Lodouicum Rotorigiu. 1540.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *A Gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira*. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1975.
- LIÃO, Duarte Nunes de. *Orthographia da lingoa portvgvesa*. In: *Origem e orthographia da lingoa portuguesa*. Nova ed. correcta e emendada conforme a de 1576. Lisboa, Panorama, 1894.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste; Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Nacional, 1945.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA, Fernão d'. *Grammatica de linguagem portuguesa*. Porto, Imprensa Portuguesa, 1871.
- PALHANO, Herbert. *A língua popular*. Rio de Janeiro: Simões, 1958.
- RIBEIRO, Bernardim. Églogas. In:... *Hystoria de menina e moça, per Bernaldim Rybeiro agora de nova estampada e com svmma diligencia emendada*. 1554.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- TEIXEIRA, José Aparecida. O falar mineiro. São Paulo, *Revista do Arquivo Municipal*, 1938.
- VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- VIEIRA, Maria Nazaré da Cruz. *Aspectos do falar paraense: fonética, fonologia, semântica*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.
- Rosa Assis
Doutora em Letras (UFRJ). Professora da Universidade da Amazônia (Unama).
- Recebido em 05/06/2010.
Aprovado para publicação em 02/08/2010.